

Aprender com a pandemia

The Economist

Fareed Zakaria

Melhor maneira de se preparar para crises é atuar coletivamente. E não é idealismo.

Faz quase um ano e meio que a pandemia começou. Tempo suficiente para começarmos a olhar para trás e extrair algumas lições, principalmente se a compararmos com o último grande choque sofrido pelo sistema internacional – a crise financeira global. Aprendemos algumas lições com o que aconteceu em 2008? Estamos lidando melhor com esta?

À primeira vista, a comparação favorece aparentemente a presente. Cerca de 18 meses depois da crise de 2008 – ou seja, em meados de 2009 – o desemprego americano estava chegando ao seu maior patamar das últimas décadas, as bolsas lutavam para se recuperar de um dos maiores colapsos da história, e as execuções hipotecárias do sistema financeiro habitacional precipitavam para o seu patamar mais baixo.

Em contraste, com a metade da população vacinada hoje, a economia americana está funcionando a todo vapor. As taxas de crescimento rivalizam com o boom da época Reagan. A bolsa atinge novas altas. Até os salários mostram sinais de aumento. Enquanto os Estados Unidos estão em uma situação melhor do que a maioria, os outros grandes países industriais se encontram no caminho da recuperação. A razão principal é que todos aprenderam a lição de 2008: durante os

colapsos sistêmicos, os governos precisam crescer e com rapidez, gastando dinheiro e proporcionando liquidez. As vozes da austeridade, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa – extremamente potentes durante a crise de 2008 – têm sido silenciadas desta vez.

Mas a boa notícia acaba aqui. O sistema financeiro estava ameaçado, mal regulado e instável. Em 2010, o Congresso aprovou amplas reformas nos bancos – mais exigências de capital, menor alavancagem, menos especulação, testes de estresse – medidas contra as quais os bancos faziam o mais feroz lobby. Mas os bancos estavam errados. Durante esta pandemia, o sistema financeiro funcionou bem – o que comprova a validade daquelas reformas. Apesar do fechamento praticamente global da economia em 2020, as instituições financeiras de quase todos os países fizeram frente à tempestade. Isso porque os bancos centrais os apoiaram, mas também porque estavam bem capitalizados e mais rigorosamente regulados.

Entretanto, durante a crise atual, apesar das nossas muitas falhas no combate à doença, falamos muito pouco de reformas. No início da pandemia, pudemos constatar que os governos de vários países erraram nas funções básicas da área de saúde pública, como testes, rastreamento, quarentena e claras recomendações ao público. Alguns aprenderam e se recuperaram, mas muitos foram salvos simplesmente pela chegada das vacinas. Quase nenhum se perguntou como poderia reorganizar suas burocracias para a área da

Saúde, aprender com os países que agiram corretamente, e estabelecer medidas, procedimentos e estruturas novas com a finalidade de garantir um desempenho melhor durante a próxima pandemia – que seguramente chegará.

A divergência entre a última crise e a atual tem sido extremamente acentuada no plano global. Como Daniel Drezner, professor de política internacional da Tufts University, escreveu em seu livro *The System Worked* (O sistema funcionou, em tradução livre), as pessoas costumavam considerar a governança global do modo como Woody Allen brincava a respeito da comida nos resorts de Catskills: péssima e, contudo, porções tão pequenas! Na realidade, como Drezner documenta, a governança global funcionou surpreendentemente bem durante a crise financeira. Os países cooperaram, os bancos centrais colaboraram e foi possível evitar a espiral descendente. Ele observa que até a China queria muito participar das principais iniciativas internacionais. Washington desempenhou o papel principal, estimulando os países a se alinharem, mas também a agirem de maneira a ajudar os outros. O historiador econômico Adam Tooze destaca que cerca da metade de toda a liquidez proporcionada pelo Federal Reserve foi usada por bancos europeus.

O que não se deveu a uma generosidade cega. “Nós reconhecemos que era do nosso interesse salvar os sistemas financeiros baseados no dólar, e que isto exigia ajudar os outros, e não apenas a nós mesmos,” o ex-secretário do Tesouro Timothy Geithner me disse recentemente. Ele admitiu que grande parte da cooperação global ocorreu porque muitos

dos principais participantes no mundo todo eram “multilateralistas instintivos”. E afirmou: “Todos nós sabemos que queríamos impedir o nacionalismo e o protecionismo que causaram tantos danos na década de 1930”.

Lamentavelmente, se a resposta à crise de 2008 foi bem-sucedida em termos econômicos, fracassou em termos políticos, desencadeando uma onda de populismo e antielitismo que comprometeram a reação à crise de hoje. Homens como Donald Trump, Viktor Orban, na Hungria, e Jair Bolsonaro, no Brasil, reagiram à pandemia acomodando-se, consolidando o poder e culpando os estrangeiros. Políticos com tendências liberais adotaram medidas protecionistas e até mesmo bloquearam a exportação de vacinas. Na China, o epicentro da pandemia, o presidente Xi Jinping mostrou-se menos aberto, cooperativo e multilateral do que o seu predecessor durante a última crise global.

O presidente Biden começou, mas Washington precisa liderar o mundo em uma direção fundamentalmente diferente. A não ser que pressionemos energicamente para vacinar todo o planeta, esta pandemia demorará para acabar, se transformará e até mesmo se ampliará. A única maneira de restaurar e sustentar o crescimento global é ajudar os países em desenvolvimento assoberbados por enormes ônus da dívida. E a melhor maneira de nos prepararmos para futuras crises – quer envolvam pandemia, clima extremo, ou crimes cibernéticos – é trabalhando coletivamente. E não, este não é um idealismo ingênuo. O sistema funcionou há dez anos; poderá funcionar novamente.

A melhor maneira de nos prepararmos para as futuras crises é trabalhando coletivamente.

Núcleo de Inteligência - Sedet

Edição 176 - Em 26 de julho de 2021

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.